

LUCAS BRAGA



O COSMO SEGUNDO OS YANOMAMI: HUTUKARA E URIHI

ANA MARIA R. GOMES*

DAVI KOPENAWA**

RESUMO O artigo é a transcrição de parte das conferências proferidas na UFMG em 2013 por Davi Kopenawa, líder e xamã Yanomami, como convidado do Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT/UFMG). Na primeira parte, o xamã apresenta alguns elementos da cosmologia yanomami – *Hutukara* e *Urihi* – para tentar comunicar a centralidade e importância que os Yanomami atribuem a essas entidades em nossas vidas, cuja aproximação semântica indica os termos mundo-universo e terra-floresta. Na segunda parte, faz uma incursão nas práticas de conhecimento próprias do Yanomami ao abordar o tema dos *xapiri*, seres criados pelo demiurgo *Omama*, e sua relação com o cuidado do mundo e das pessoas.

PALAVRAS-CHAVE Yanomami. Davi Kopenawa. floresta amazônica. Hutukara.

THE COSMOS ACCORDING TO THE YANOMAMI: HUTUKARA AND URIHI

ABSTRACT The article is the transcription of the lectures given at UFMG in 2013 by David Kopenawa, leader and shaman Yanomami as a guest of the Institute of Advanced Transdisciplinary Studies (IEAT / UFMG). In the first part, the shaman presents some elements of Yanomami cosmology - *Hutukara* and *Urihi* – in order to state the centrality and importance the Yanomami attribute to these entities in our lives, and whose semantic approach converges to the terms world-universe; and forest-land. In the second part, he approaches Yanomami knowledge practices focusing on the *xapiri*, beings created by the demiurge *Omama*, and their relation to the care of the world and the people.

KEYWORDS Yanomami. Davi Kopenawa. amazon forest. Hutukara.

*Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e coordenadora do Observatório da Educação Escolar Indígena - OEEI/UFMG.

E-mail: anagomes.bhz@terra.com.br; anagomes@fae.ufmg.br

**Presidente da Hutukara Associação Yanomami (HAY), e vive na Terra Indígena Yanomami em Roraima.

Recebido em 14/3/2016. Aprovado em 15/3/2016.

“A Hutukara é um grande homem, é uma grande pátria, um grande governo”.

¹ Ver: <https://www.ufmg.br/ieat/2013/12/davi-kopenawa/>.

Em novembro de 2013, Davi Kopenawa Yanomami fez uma série de conferências na UFMG como parte da programação da Cátedra de Humanidades, Letras e Artes do IEAT (Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares)¹. Sua visita foi precedida por contatos anteriores, realizados por intermédio de Ana Maria Machado, ex-aluna da FaE/UFMG que trabalhou por diversos anos como formadora pelo ISA (Instituto Socioambiental) com os professores yanomami e continua a atuar como pesquisadora e formadora junto a esse povo. O convite para a vinda de Davi Kopenawa à UFMG foi feito por ocasião do anúncio da tradução de seu livro, “La chute du ciel – Paroles d’un chaman yanomami”, lançado em 2010, em francês, e publicado, finalmente, em português, em 2015. O convite tinha um sentido de troca e recíproco conhecimento: desde 2012 a UFMG começou a se envolver na formação de jovens pesquisadores, professores e videomakers yanomami. Davi Kopenawa foi convidado a se apresentar no programa do IEAT para formar as jovens gerações de estudantes que pouco ainda conhecem sobre os povos indígenas, sobre a Amazônia e sobre os Yanomami em particular.

O livro de Davi Kopenawa, realizado em coautoria com o antropólogo Bruce Albert, traz uma marca distintiva por se tratar de um discurso produzido com base na intenção do próprio Kopenawa de comunicar com o mundo dos napepë². Assim também foram as conferências por ele proferidas: ao falar português, Davi assume o mesmo registro de um discurso que navega em busca de pontos de encontro e de possível articulação não somente entre línguas, mas entre mundos – o dos Yanomami, o de outros povos indígenas, e o mundo em que os napepë vivem e do qual interpelam incessantemente os indígenas com suas ações, muito mais que com seus discursos.

² O livro foi produzido originalmente em yanomami e traduzido em seguida para o francês. A versão em português foi feita com base na versão francesa.

Já no início de sua fala, o deslize semântico em relação ao termo Hutukara, muito significativamente escolhido pelos Yanomami para nomear sua associação, revela os registros vários que Davi busca evocar, deixando claro que não se trata em hipótese alguma de traçar uma correspondência entre termos, mas de construir possíveis conexões entre esses mundos – que, por outro lado, segundo ele mesmo diz, “outros chamam diferente, mas é uma só. É uma Hutukara só”.

A vinda de Davi Kopenawa à UFMG selou também a parceria que foi se constituindo entre a HAY (Hutukara Associação Yanomami), o ISA e a UFMG, por meio da qual continuam sendo desenvolvidas atividades e programas de formação de pesquisadores indígenas, de produção de materiais em língua yanomami e yekuana, entre outros. Essa colaboração em mão dupla tem, portanto, um horizonte de ações e de temas de comum interesse, que os trechos aqui transcritos das conferências servem para ilustrar, assim como servem para animar essa fecunda e necessária interlocução. Em novembro de 2015, ele retornou para fazer a apresentação da versão em português de seu livro, pouco tempo depois de ocorrido o desastre ambiental provocado pelo rompimento da barragem de rejeitos da mineração em Mariana. Davi voltou a advertir: “É preciso cuidado, muito cuidado porque é uma *Hutukara* só!”³.

³ Ver vídeo na íntegra na página OEEI/UFMG (Observatório da Educação Escolar Indígena) no Facebook, ou no link: <https://www.youtube.com/watch?v=pAmIGzGjzQ>.



Então, os anciões de minha casa me encorajaram: “Awei! Você falará em hereamu aos brancos. Nós não podemos ir tão longe, até a casa deles, e, também, eles não nos compreenderiam. Você sabe como imitar a língua deles. Você dará a eles nossas palavras. Não tenha medo deles! Responda a eles sob o mesmo tom! Enquanto isso, de longe, nós defenderemos com você a floresta e seus habitantes fazendo dançar os xapiri!”
(Davi Kopenawa)

Realização
Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares - IEAT
Pro-Reitorias de Planejamento, Extensão e Grinuação
Formação Intercultural de Educadores Indígenas - FIEI
Observatório Educação Escolar Indígena - OEEI
Grupo de Educação Indígena
forumdoc.ufmg.2013
Laboratório de Etnologia e do Filme Etnográfico

Mais informações, visite
www.facebook.com/oeeiufmg

**Davi Kopenawa
e a Hutukara**
um encontro com a cosmopolítica yanomami
04 a 08 novembro 2013 / UFMG

Yëmëkakitaki⁴

Bom dia a todos. Para quem não me conhece, sou Davi Kopenawa Yanomami, filho da Amazônia, que mora dentro da floresta. Primeiro eu vou agradecer o convite. Eu venho lá de longe para chegar até aqui. Eu estou muito contente que vocês me chamaram para escutar o meu conhecimento do povo da floresta. Eu vou tentar explicar para vocês. Nós, povo da terra, onde estamos vivendo, é difícil escutar ele, o som do mundo. É muito difícil.

Então, vocês viram mais do povo Yanomami⁵, que estão lá na cabeceira, na ponta do Brasil, na fronteira com a Venezuela. Vocês nunca chegaram até lá, mas algumas pessoas – antropólogos, missionários, exército, pesquisadores – conseguem chegar até lá. Mas a maioria do povo da cidade não consegue lá chegar porque para viajar para lá é um pouco difícil, só vai de avião.

Então, eu vou explicar a Hutukara Associação Yanomami (HAY), por que nós escolhemos [o nome] “Hutukara”. Nós, povo Yanomami, conhecemos há muitos anos, mais de quinhentos anos, o que nosso pai colocou como Hutukara. Hutukara é uma terra, o branco chama de “mundo”, outros falam a palavra “universo”. É assim que o branco fala, branco fala que o mundo é redondo. Para nós, povo indígena aqui do Brasil, outros povos indígenas, cada um chama diferente: alguns chamam Hutukara, outros chamam Tupã, outros chamam diferente, mas é uma só. É uma Hutukara só. E nós estamos aqui sentados na barriga da nossa terra mãe. A Hutukara fica junto com a pedra, terra, com a areia, o rio, o mar, o sol, a chuva e o vento. Hutukara é um corpo, um corpo que é unido, ela não pode ficar separada.

A Hutukara é muito importante para nós todos, não só para o índio. Ela é uma prioridade para todos nós, povo da terra. Nós temos que usá-la com muito cuidado, não podemos destruir tudo, não podemos arrancar, não podemos fazer um grande buraco, isso não pode. Nós, povo indígena, nós não precisamos maltratar ele. Nós no passado, nós povo da terra, povo do Brasil, nunca destruimos. Os parentes que estão aqui, os Guarani, eles também sabem muito bem. São os pajés que cuidam desse conhecimento. Nós, povo indígena do Brasil, não precisamos arrancar recurso natural. O recurso natural pode ficar junto com a Hutukara. As pedras preciosas podem ficar lá junto com a Hutukara. A areia, as pedras, a terra e o barro, eles são unidos para ela sempre ficar bonita, sempre ficar limpa⁶.

Para nós, indígenas, a Hutukara sustenta nossa fome, sustenta a nossa comida. A comida vem de onde? A comida vem da Hutukara. A nossa mãe, o nosso pai trabalham por ela,

⁴ Foram transcritos os principais trechos de duas conferências, cujos temas são complementares. Intencionalmente foi preservado o caráter oral do texto, com algumas notas para contextualizar termos ou situações referidas. A transcrição foi realizada por Maria Paula Azambuja de Ávila e Marina França; a apresentação, introdução de notas e revisão final foi feita por Ana Maria R. Gomes, equipe do OEEI/UFMG.

⁵ Referindo-se ao vídeo que introduziu a sessão com uma apresentação do povo Yanomami, de breve histórico da demarcação de suas terras e de suas lutas e da criação da HAY.

⁶ Ver entrevista realizada em 1990, sobre o garimpo de ouro, o tema da separação daquilo “que deve ficar junto”: http://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/yanomami/xawara.pdf. No final dos anos 1980, as terras yanomami foram invadidas por cerca de 40 mil garimpeiros, com consequente onda de extrema violência e desencadeamento de epidemias várias assim como de problemas ecológicos de toda ordem (em algumas aldeias foi assassinada toda uma geração de homens

plantam a alimentação, e a Hutukara deixa nascer e crescer para a gente comer. O pensamento yanomami é diferente, não podemos destruir. Destruir e ameaçar a terra para nós não é bom. Nós temos que respeitar porque a Hutukara é igual nós, ela está viva. Ela que cuida de nós, ela que dá a alimentação, dá a água, e essa água é uma vida. A Hutukara, ela cuida da nossa água para beber, para tomar banho, para fazer comida, lavar roupa e outras coisas.

Então, eu queria esclarecer um pouco para vocês entenderem melhor. Mas eu sou analfabeto; mas eu não sou não analfabeto não. Eu tenho saberes, eu conheço o conhecimento tradicional. Desde pequeno que eu ouço a liderança da aldeia falar. Os pajés que cuidam do nosso mundo nos apontam no mundo. É por isso que eu venho aqui, para falar mais uma vez para vocês porque vocês nunca ouviram o próprio Yanomami falar, o próprio indígena falar. Mas vocês já ouviram antropólogo, governador, o governo, o deputado, o senador falar. Mas com a gente é diferente. Para cuidar da nossa Hutukara, não pode contaminar, não pode derramar óleo, não pode derramar gasolina. Não pode fazer um grande buraco. Vocês estão vendo aqui em Minas Gerais. Em Minas Gerais, dentro da cidade. O que esse homem está fazendo, será que ele não tem pensamento? Será que ele não pensa nos outros? Será que ele não pensa no futuro? Ele não pensa em outra geração, no futuro adiante? Então, nós, o nosso povo, escolhemos nosso conhecimento, escolhemos nossa sobrevivência para cuidar da Hutukara.

A Hutukara é um grande homem, é uma grande pátria, um grande governo. Governo antigo. É o que eu falo, eu aprendi assim. É o verdadeiro, nosso grande governo. Ela está cuidando de nós. Ela que cuida de nós, que deixa fazer uma casa, fazer uma cidade, fazer uma estrada. A Hutukara está sofrendo, mas ela não vai gritar como nós gritamos. Quando cortarem seus dedos, vocês vão gritar. Se vocês cortam os dedos com a faca, vocês derramam sangue. A Hutukara também está derramando sangue. As máquinas pesadas estão raspan-do como gilete, como se tirassem a barba. A lâmina da máquina pesada está maltratando a Hutukara. A Hutukara não pode ser destruída. Não precisa destruir. O homem da cidade tem que sentar e conversar com outra autoridade, conversar com a liderança que guarda a sabedoria dele. Isso que está faltando para cuidar da Hutukara. Hutukara é nossa mãe, ela que deixa nascer. Ela que nasceu primeiro quando surgiu a terra. Então, ela é nossa mãe. Ela que nos deixa crescer e fazer filho.

Omama é nosso rei da terra. O rei da terra chama Omama. Ele é o primeiro homem que surgiu junto com a Hutukara. Então Omama tem o nome da Hutukara. Então, nosso

adultos, interrompendo assim o ciclo de formação de xamãs nessas aldeias). A TI Yanomami foi demarcada e homologada, depois de longo processo, em 1992. Ver Albert. B. – O ouro canibal e a queda do céu: canibal e a queda do céu: uma crítica xamânica da economia política da natureza. In: Ramos, A.; Albert, B. Pacificando o branco. Cosmologias do contato Norte-Amazônico. São Paulo: Editora UNESP, 2002; disponível em <http://sis.funasa.gov.br/portal/publicacoes/pub405.pdf>.

pai, os pajés escolheram esse nome. Esse nome da Hutukara é muito pesado, muito pesado. Não aguenta aquela balança dos brancos que pesa carne e peixe. Ela não aguenta essa balança. A Hutukara é muito pesada, é muito forte. Ela não vai morrer, mas nós morreremos. Nós ficamos velhos: 80 anos, 90 anos, acaba nossa vida. A terra não, Hutukara não – ela vai até o fim do mundo.

É para vocês aprenderem com nós, e nós indígenas aprendemos com vocês. Vocês ensinam a escrever as letras, a mexer no computador, a tecnologia que não conhecemos. Eu conheço, mas eu não posso mexer porque senão dá dor de cabeça. Eu posso usar o sol, a lua, a estrela. Esses posso usar. Usar na cabeça porque não é tudo que tem que ficar pegando na mão.

Então, a Hutukara, como eu falei, ela é uma terra. Na terra ficam juntos a areia, o barro, o mar e nós. Ela é uma grande casa, e nós estamos dentro do corpo dela. Ela é muito importante para nossos filhos, para nossos netos, para a nossa outra geração. Eles vão usar depois de nós. Eu, eu não vou ficar vivo até 200 anos não, nem vocês, nem nós todos. Então, é por isso que nós estamos lutando para nossos filhos, para nossos netos usarem. Nós estamos deixando a terra, a Hutukara, sem destruir, sem maltratar, sem buracos. Vocês já viram os buracos aqui em Minas Gerais. A máquina entra lá dentro. Lá dentro não tem comida não. Esses minérios são para ficarem juntos da Hutukara; sem minérios a Hutukara fica fraca.

Vocês já viram as notícias que passam na televisão sobre o Japão? O Japão fica na beira da Hutukara, lá venta muito, muito forte balançando, aí cai. Aí, vocês mandam mensagem pela televisão. Aqui, vocês estão vendo. Nós estamos no centro do corpo da Hutukara. Aqui eu estou no centro: coração, pulmão. Vocês têm que pensar, vocês são antropólogos, vocês são cientistas que vão fazer pesquisa. Eu preciso ajudar vocês a encontrarem onde está o coração da terra porque nós, pajé, sabemos onde está o coração da terra. Essa não pode mexer, ali é “lugar sagrado”, como o branco fala, não pode destruir, não pode derrubar, não pode sujar água. A água é autonomia da nossa Hutukara que manda água para os rios, para o mar, para os igarapés, os igarapés pequenos. É como um motor que sobe a água, que Omama deixou no corpo da Hutukara. A Hutukara, ela sustenta a nossa fome, ela sustenta todos os povos da terra. Então, nós homens indígenas, o homem da cidade, temos que ter muito cuidado, pensar bem, pensar bem antes de destruir, antes de acabar a Hutukara, antes de destruir. Vocês estão entendendo?

Então, é por isso que nós existimos. Se não tiver a Hutukara, não tem gente. O mundo é pelado, não tem ninguém. Dentro do Hutukara, nós existimos. O homem existe na cidade,

fazendo filho, fazendo filha e criando as crianças para poderem viver. Mas homem branco não está deixando a gente viver não, ele está nos maltratando. O homem da cidade que fica escondido em prédio, na montanha, na pedra, ele está sentado lá em cima no ar-condicionado. Só fica conversando sobre progresso, desenvolvimento. Esse homem só fala disso, ele não fala outra coisa para nós. Só progresso e desenvolvimento. Só para estragar a Hutukara. Aqui também é Hutukara, nós estamos sentados na Hutukara, não é só na terra yanomami não. Tudo aqui, o Brasil, o geral. Nós, os indígenas yanomami, colocamos um nome Hutukara, aqui é mundo para nós vivermos, para nós morarmos, trabalhar, criar nossos filhos. Nós também precisamos criar nossos filhos, não só vocês. Nós Yanomami precisamos criar nossos filhos, cuidar das nossas mulheres, das nossas coisas que a gente conhece, que a gente usa. Então, isso é o que eu queria colocar nas suas cabeças. As minhas palavras vão ficar na filosofia de vocês. É por isso que eu estou aqui sentado.

Nós mostramos a nossa aldeia. Se não tivesse a Hutukara, não tinha índio. Com a Hutukara, nós temos índios e não índios, nós estamos vivendo. Eu queria dizer: nós indígenas que cuidamos, nós somos povo indígena guardião da terra. Nós somos guardiões, não podemos deixar destruir. Os portugueses vieram lá da Europa, chegaram aqui, olharam, cresceram o olho e estragaram. Estragaram a nossa Hutukara, tiraram, desmataram milhares de árvores e varreram. É por isso que a terra aqui perto da cidade não tem nenhuma árvore, não tem mato, não tem árvore, não tem passarinho voando, não tem arara voando, não tem macaco andando nas árvores, porque os homens destruíram. Destroem e nos matam. E matam o rio, matam a terra, matam a floresta e, assim, o mundo do costume do branco funciona. Eu sou contra, eu não sou branco, eu sou filho da Hutukara que eu nasci. Ela me cuida quando estou com fome, vou lá no mato pego caça, pego peixe, pego fruta. Hutukara é uma riqueza, a nossa riqueza está contaminada. É por isso que nós estamos doentes, porque o homem-cobra sempre vem cavando buraco, tirando os minérios. Minérios não se comem, só mandam para Europa, Estados Unidos, para a China. Na China não tem mais nenhuma arara voando, não tem mais água limpa. Estão fazendo a água como mercadoria, estão ganhando dinheiro. Ele não sabe quanto custa, só fica calculando. Eu que falo isso, eu não sou mandado para falar. Mas eu sonho, eu falo, olho, falo para vocês da destruição. Assim, eu posso dar uma ideia para napë pata (liderança do povo branco) para ele entender o que nosso conhecimento pensa da Hutukara.

Então, Hutukara é isso. Nós somos filhos da Hutukara. Hutukara é o que surgiu pri-

meiro, depois Omama. Omama ficou grande, e com mais ou menos 15 anos começou a trabalhar, começou a cuidar, a dar os nomes das árvores, apia hi, waraka ahi, makoa ahi e wapo kohi e também dos animais de caças warë, xama e poxe. Então, o filho da terra chama Omama, ele é um artista. Colocou todos os nomes de animais, árvores, lugares, montanhas. Omama colocou o nome de cada lugar e região para a gente usar. Eu queria dizer isso, e depois vou explicar Urihi, o cabelo da terra, da Hutukara. Nosso cabelo representa Urihi. O homem careca representa o destruidor. Homem que tem cabelo não destrói, é amigo da terra, da Urihi.

Era isso que eu queria dizer para vocês. Depois, vou dar espaço para vocês perguntarem. A Hutukara é o que garante nossa saúde, nossa fome e nossa água. É prioridade a água, a terra, a chuva, o vento. Essas coisas estão junto com Hutukara. Então, vou deixar aqui, recolher minhas palavras, depois vocês perguntam o que quiserem.

Ipa thëã maprarioma.

Obrigado!

Conhecimento e Xamanismo

Assim que eu comecei a sonhar, comecei a olhar *Omama* e *xapiri*. Eu não sou como pastor, para vocês querer ver *xapiri*, eu sou diferente. Eu não vou dizer que vocês brancos vão virar pajés. Eu só quero contar os costumes do meu povo Yanomami, como surgiu *Pata Omama, Xapiri*. Eu vou contar o nosso histórico, de nós Yanomami que estudamos xamanismo nas aldeias. A maioria do meu povo Yanomami tem os pajés, cada comunidade tem o pajé. Então, depois vocês vão perguntar para mim por que essa conversa, essa fala é muito difícil. Esse *Pata Omama, Xapiri*, isso é no início do mundo, não é agora. Isso foi no início do mundo quando criou junto a terra, sol, lua, estrela, chuva, escuridão e claridade e nós. Então povo Yanomami escolhemos o nosso caminho, nosso caminho próprio do povo indígena do Brasil. Os Yekuana estão aqui também, Maurício, o pai dele, o parente Guarani, outro Kaxinawá e Maxakali. Então, esses grupos estão aqui. Vocês não indígenas nunca sonharam, nunca viram os pajés tomando seu *yakoãna*, iniciando os seus povos, os seus filhos virando pajé. E vocês estão vendo (imagem de pajés na tela?), eles estão sentados no colo da *Hutukara*, não tem banco, não tem mesa. Nossa mesa, nosso banco é o colo da *Hutukara*, foi assim

7 Referindo-se à imagem de divulgação da programação do IEAT, que é a mesma que acompanha este texto.

que *Omama* nos deu.

Então, eu fui ensinado pelo pajé, o meu sogro, o nome dele é Lourival Yanomami. Ele é um grande pajé, ele conhece tudo. Ele nunca viajou, ele nunca andou, ele nunca entrou em nossa casa, mas ele é o pajé que trata da comunidade da terra yanomami. Não só ele, tem outros pajés. Os Yekuana têm seus pajés também. E Sanumá. Então, esse grupo que somos, *xapiripë*. Então, isso que estou falando. Esse que chamamos de grandioso *Omama*, ele é uma autoridade do povo da floresta, o chefe, da natureza que está lá.

Então, eu fui iniciado em 1988. Eu iniciei, eu pedi “Quero ficar como pajé como ele”. É muito difícil ser pajé porque os *xapiri* que são os outros especiais, eles moram nas montanhas importantes, nas montanhas altas. Ali é a casa dos *xapiri*, espiritual. Mas eu não gosto de chamar de espíritos, eu gosto de chamar de *xapiri*. Nós, yanomami, estudamos, a gente bebe *yãkoana*. Tem que ter primeiro a *yãkoana*, como você tem caderno, tem a caneta, você tem a bolsa para carregar. Também nós temos. Então, o *xapiri thëpë* vai no mato tirar uma árvore chamada *yãkoana* que, em português, chama Virola. Então, ele prepara, traz para a casa e faz pó. Aí, vai mandar se pintar, pintar o corpo, a cara, colocar pena de arara no braço, que vocês estão vendo aqui. Isso aqui [imagem na tela] parece cabelo branco, mas não é. É a luz dos *xapiri*. É assim que nós aprendemos as coisas da natureza. Então, os *xapiri*, eles são os médicos. Eles que sabem curar as pessoas, que matam a *xawara*. *Xawara* chama canibal. Eu estou imitando a sua palavra. Então chama *xawara*. *Xawara* é uma doença que existe no mundo Brasil, no mundo floresta e no mundo Terra. Em qualquer lugar, a doença anda. Anda contaminando o nosso corpo, matando as crianças, matando os homens, as mulheres. É assim que a *xawara* funciona. Por isso, nós, Yanomami, fazemos um trabalho para matar esse canibal que está atacando nossa aldeia, deixando morrer as crianças, adultos e velhos. É assim que os *xapiri* trabalham.

O *xapiri* de onça chama *Tihiri*, o espírito mais forte chama *Tihiri* – a onça. E outro espírito mais forte é o leão, vocês conhecem o leão, e outro espírito mais forte é a *sucuri*, aquela cobra grande. A cobra grande também é *xapiri*. O jacaré também é *xapiri*, mais forte. E outros animais como macacos. Vocês conhecem o macaco da floresta, mas o macaco gigante vocês nunca viram, nunca sonharam. O macaco gigante está nas montanhas, mas ele vem também perto de nós quando estamos fazendo *xapiri*. Es-

ses são os *xapiri* mais fortes para matarem o canibal, a *xawara*, a doença forte, a doença difícil. Esses *xapiri* são inimigos dos espíritos do mal que estão matando nosso povo. Foi assim que *Pata Omama* ensinou para nós, e até hoje continuamos usando. *Xapiri* é muito importante para nós, para nós todos. *Xapiri* é uma prioridade, é fundamental para nosso povo indígena do Brasil. É assim que nós nos protegemos. *Xapiri* grande tem que nos proteger para não nos deixar morrer. Outro morre, outro não morre, é assim que nós yanomami vivemos.

Tem outro *xapiri* mais forte chamado *Hutukara*. *Hutukara* está no céu, lá em cima. Tem outro *xapiri* mais forte que é o trovão, que está lá em cima. Nós, *xapiri*, entramos em contato com ele. E outro *xapiri* forte é *Yāpirari*, que se chama relâmpago. Então, é ele que mata o povo, não é que mata povo não, ele destrói a natureza quando ele está bravo com os *napë*, com a poluição, ele manda mensagem para vocês. Não é para vocês não, é para os outros. E outro espírito forte chama *Yariporari*, ele mora no fundo da terra. Esse é muito perigoso. Nós, pajé, aprendemos com ele. Esse fica com a gente, protegendo e também expulsando a doença que está aqui ao redor da cidade, ao redor do mundo. Então, esse *xapiri* que vocês não conhecem. Vocês conhecem esse vento, vento pequeno que faz balançar as folhas, que passa rápido. Ele vem derrubando as árvores, derrubando as casas, derrubando o mato, quando ele está bravo. Vocês chamam ele de temporal forte, aquele que faz as ondas bem altas. Vocês viram na televisão, mas nós temos contato com ele. Nós estamos longe, na cabeceira do Brasil, estamos lá, mas nós sabemos cuidar dele, entrar em contato.

Então, é isso que a gente usa. E a *Xiuairipo* é o mundo que está mudando, o que vocês não índios chamam de mudança climática. Vocês falam de mudança climática, na televisão falam que o clima do mundo está mudando, que está muito quente. Isso porque vocês estão acabando com a floresta. Então, a gente tenta acalmar ele. Está esquentando muito porque ele está bravo com vocês. O erro do governo, o erro dos *napë*. Ele está mostrando para nós a força dele. Se continuar a destruir, a derrubar as árvores, ele vai se aproximar. O povo vai reclamar muito, vai reclamar que está muito quente. Homem da cidade está derrubando, desmatando. Estava fazendo sombra, o sol que chama *Topã*, ele mora longe, mas ele chega até aqui. Ele vai torrar tudo, vai acabar com tudo. Até os rios grandes vão secar, as árvores ficam secas. Os homens gostam de queimar mato, riscar fósforo, isso vai queimando tudo, vai secar nossa floresta. Quem seca nossa floresta é

Topã. Eu não gosto de ficar perto dele não, porque ele é muito forte. Ele é tão forte que a gente não consegue nem chegar lá, nem máquina consegue chegar porque derrete, de tão quente. Eu acho que vocês sabem. Os cientistas que estão estudando, pesquisando, acham que podem chegar até onde está morando Topã, mas não podem não. Nem eu consigo chegar lá. Mas *xapiripë*, ele leva a gente, para a gente conhecer ele. Então, eu tenho medo, acho perigoso porque se ele chegar até aqui, vai deixar muito quente. Vão secar os igarapés, secar também rio grande. É assim que nós conhecemos porque ninguém sabia, porque *Pata Omama*, *Xapiri* que criou tudo, para a gente conhecer.

Então, tem outros *xapiri* bons, para salvar a vida quando se está muito doente. Quando alguém está muito doente, tem um *xapiri* especial, chama *Ayãkorari*, é um pássaro especial, que vocês nunca viram. Vocês veem os passarinhos cantando, não são esses não. O pássaro especial mora em um lugar sagrado. *Naporeri*, *Mayëpëri*, *Warëri*. Esses são dez, especiais para tirar doença que está no corpo, doendo a cabeça, doendo o pulmão, doendo muito. Então, *Ayãkorari* tira a doença, e a pessoa fica boa. É assim que os *xapiri* trabalham.

E espírito também que a gente usa, o mundo do yanomami que *xapiri* usa chama *Porari*. É uma cachoeira grande que está na montanha. Essa aí é a cachoeira sagrada também. Vocês conhecem cachoeira onde os brancos gostam de tomar banho, igual passarinho. Mas *Porari* que nós usamos, no trabalho com o pajé, é um bom *xapiri* para curar pessoa. Ele cura tudo.

É assim que nós aprendemos, foi assim que *Pata Omama*, *Xapiri* mostrou nosso caminho, nosso conhecimento para nós sempre usarmos isso. É por isso que o meu povo yanomami cura sem remédio, sem vacina, sem médico, e nós vivemos até hoje. É por isso que o branco, o primeiro *napë* que chegou aqui no nosso Brasil encontrou os indígenas vivos. Eles estavam vivos porque os xamãs protegiam eles, protegiam o povo. Então, nosso *Omama* era muito inteligente, sabido, sabia usar os *xapiri* para fazer curar. Então, é assim que meu povo yanomami trabalha. Quando está chovendo muito, o mundo está lagrimando, está derramando a água no céu, a gente também resolve parar a chuva. E quando está trovoando, quando está fazendo muito barulho, *xapiri* também vai lá acalmar, conversar com ele, e ele fica calmo. Hoje está silêncio porque *xapiri* está junto com ele, não deixa falar muito. Quando está muito quente, está secando os igarapés, os rios, e fica muito difícil, nosso povo yanomami vem pedir

a nós. Aí, eles falam “Pajé, por que vocês não trabalham para chamar a chuva? Está muito quente.” Aí, o *xapiri* responde: “Olha, meu povo, você já preparou seu roçado, você já queimou, para plantar alimento? Se chover muito forte, não vai queimar não.” É assim que nós, povo yanomami, conversamos com os grandiosos *xapiri*. Aí, ele resolve mandar muita chuva para a floresta tomar água porque a floresta precisa de água igual a gente. A natureza precisa de água, então tem que chover, tem que deixar a terra úmida. É assim que a gente trabalha. É por isso que eu e meu povo defendemos, porque é meu, porque é nosso. Esse *Pata Omama Xapiri* ele deixou para nós, para nós todos. Ontem, vocês viram os parentes mostrando o filme. O parente guarani mostrou o filme. Ele está longe, mas nós estamos em contato com ele, nós estamos trabalhando juntos. Nós estamos trabalhando pelo mundo, não é só para curar a gente não. O nosso planeta terra está poluído, as fábricas estão aumentando muito, destruindo nosso planeta Terra. Então, nós estamos fazendo um trabalho para não deixar contaminar todo o planeta terra. Vocês estão entendendo?⁸

8 O cuidado com as pessoas e com tudo que existe é agenciado pelos *xamãs* junto aos *xapiri* – cuja criação é descrita no livro *A Queda do céu. Palavras de um *xamã* yanomami*, São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Então, eu trabalho com meu sogro, um grande pajé. Eu trabalho com ele, eu aprendi com ele. A gente cuida do nosso universo para não deixar o perigo que está em cima cair na cabeça. Nós estamos protegendo, e o homem da cidade está destruindo a natureza, a terra, nos contaminando mais. Nós estamos cuidando, fazendo um bom trabalho porque *Omama* ensinou para nós, povo yanomami, povo indígena do Brasil e povo indígena da cidade, não sofrer. Nós estamos trabalhando tudo. Nós trabalhamos com *xapiri*, com a força da natureza, a força da *Hutukara*, a força da floresta. Nós estamos protegendo. Nós, indígenas, sabemos respeitar, sabemos escutar nossa *urihi*-floresta, é por isso que nós estamos vivos. Uns estão doentes, mas nós estamos lutando. É por isso que nós estamos vivos e temos alimentação. Vocês têm alimentos: feijão, arroz, gado de boi, tudo. Nossa alimentação: macaco, anta, peixe, catitu, queixada, as frutas, a floresta. Isso os *xapiri* estão protegendo para não deixar contaminar tudo, isso é muito importante para nós e para vocês.

Vocês estão escutando, vocês são estudantes, mas vocês podem acreditar, mas vocês nunca vão aprender a virar *xapiri* não. Mas vocês estão escutando o que eu estou repassando do nosso conhecimento tradicional, nativo. Os *xapiri* sabem guerrear também, sabem guerrear com povo. Hoje não tem, mas vai ter. Vai ter uma guerra contra a ameaça da *Hutukara*, ameaça da floresta, ameaça do povo indígena, povo *napë*. Isso

eu estou falando que vai ter, não é agora não. Vocês não precisam ficar preocupados, ainda existimos nós yanomami, existem guaranis, existem outros povos indígenas que sabem também trabalhar para proteger a nossa terra planeta. Eu estou só sacudindo as suas cabeças para vocês acordarem. Vocês estão dormindo ainda, olhando em uma única direção. Vocês pensam que estão prontos, vão virar deputados, vão virar senadores, médicos, governo. Vocês não vão virar nada não, nem eu. Então não somos poucos que estamos escutando a fala dos *xapiri*. Eu sou *xapiri* também. Quando estou na minha casa, eu chamo meus colegas, e nós vamos trabalhar com *yãkoana*, tomar *yãkoana*, se pintar, sentar. Nós vamos começar a aula mais ou menos 9 horas; até mais ou menos 17 horas, a gente termina. Isso aqui não é brincadeira não, essa aula dos *xapiri* não é brincadeira não. Isso aqui é trabalho sério para aprender mesmo a ser pajé formado para poder trabalhar, poder curar os parentes, a família. Eu vou deixar bem claro: a gente é pajé e cura as pessoas, mas outras morrem. Quando ele quer morrer, quando o espírito quer matar, ele mata nosso parente. Todo mundo chora, e o pajé vai lá e fala: “Olha, quem ensinou a morrer foi *Yoasi*, então, não é culpa do *Omama*, é culpa de *Yoasi*”. Então, quem nos ensinou a morrer foi *Yoasi*. Os *napë* morrem, os yanomami morrem, os igarapés morrem. Isso foi a maldade que *Yoasi* nos deixou. *Yoasi* tem a pele branca, parece macaxeira descascada. Foi ele quem deixou espírito mau para a gente morrer, para a gente adoecer, foi assim que aconteceu. Mas nós, *Omama*, *xapiri* continuamos trabalhando, continuamos lutando, porque não mataram ele, para não deixar morrer. Mas alguns morrem, como eu falei, e outros ficam bons. O médico da cidade, ele não vai curar todo mundo não, ele cura um ou dois, e outros morrem, é assim. Acontece com a gente e com o povo da cidade. Você está entendendo?

Então, o *xapiri*, ele não tem fim. Ele não vai morrer agora, vai viver para sempre junto com o mundo, mundo do rio, do mar, mundo do sol, mundo da lua. A lua morre, mas ela ressuscita. A lua morre porque *Yoasi* ensinou a morrer. O sol é *Omamari*. O sol não morre, ele está aí. *Omama* queria ensinar a não morrer, igual a ele, mas *Yoasi* estragou a nossa vida deixando morrer. *Yoasi* é um homem mau, homem dos *napë*, ele que ensinou preconceito. Ele que ensinou preconceito e a deixar morrer, então morreu. Vocês sabem como Jesus morreu? Quem matou ele? O povo que tinha preconceito com Jesus Cristo que matou ele, não morreu à toa não. Ele foi embora, está no céu, mas ele não volta mais não. *Omama* também não volta mais, mas ele está aqui junto

com nós, porque ele está claro para a gente olhar, não precisa essa luz elétrica. *Oma-ma* ensinou isso tudo aqui para usar, até hoje os *napë* aprenderam tudo. O homem da cidade, ele tem uma curiosidade em aprender tudo e fazer tudo para estragar a gente, nosso costume. Para mudar como ele, ficar junto com ele, com o pensamento dele.

Então, *xapiri* é diferente. *Xapiri* é muito importante. Quando eu iniciei, quando meu filho estava novo, pequeno, com 3 anos, eu estudei. Eu iniciei, meu sogro Lorival ensinou a tomar *yãkoana*, que é bem forte, dá uma luz para poder enxergar a chegada do *xapiri*. Ele vem de longe como do Japão. Lá no Japão, tem outra terra, mas a gente e vocês não chegamos lá ainda. Então, os *xapiri* vêm de muito longe, existe um outro mundo só dos *xapiri*, eles ficam lá. Eles vêm de lá todos pintados, dançando, cantando e mostrando os caminhos, dizendo também o nome dele, e outro perguntando de onde que ele vem, qual o nome do lugar: “O meu lugar é *Maxitapraopë thëri*.” Assim que o *xapiri* vem dando nome para a gente conhecer, saber de onde veio.

Ele foi preparado assim. Eu tomei *yãkoana* e é muito forte. Vocês já tomaram *ayahuasca*? O que vocês viram? *Ayahuasca* é parente dela. Então, você toma dez dias, e, em onze dias, você vai começar a olhar a luz do planeta, a luz dos pajé, dos *xapiri* chegando. Ele vem cantando, vem chegando. Eu fiquei assim quando virei *xapiri*, tive que deixar tudo, não pode comer carne, nem tomar banho, nem ficar perto de mulher, nem usar perfumes que vocês usam e nem deixar muito barulho porque os *xapiri* são especiais. Eles são tipo espíritos, vocês usam “espírito”, mas os yanomami chamam de *xapiri*. Então, ele chega, e eu estou aqui deitado no corpo da *Hutukara*. Fico no chão, quando ele chega, ele corta o cipó *pata*. Vocês já viram a espada gigante? Não viram, né? Vocês já viram a espada do Golias? Então, é do tamanho da espada do Golias, muito grande. Então, quando o yanomami está deitado aqui o *xapiri* chega e corta aqui no meio “claaat” e vão embora; o corpo vai voar para lá, e a cabeça vai para o outro mundo. Aí, fica espalhado, mas você fica sabendo para onde que o seu corpo está indo e onde a cabeça está indo, fica circulando na terra planeta. Vocês falam, os *napë* falam que o mundo é redondo. Então, ele vem correndo assim circulando, bem rápido, mais ou menos quinze minutos. E aí vem de novo e fica no lugar, mas não fica sangue. Ele não deixa sair sangue porque é especial, ele vai colocar bem como estava antes. É assim que *xapiri* trata. E nós, novos, ainda sofremos muito porque nosso professor na aldeia é muito malvado, ele não fica com pena de nós não. Ele deixa sofrer, “se vocês

não sofrerem, vocês nunca aprendem”. Se a gente fica sofrendo, a gente aprende. Se só ficar bem tratado, “ah, coitadinho”, não aprende não, tem que sofrer, ver todo o mundo, é assim que eu fui formado. Depois vai trazer *yano pata tire mahiowi* uma casa grande, bem alta onde vão morar os *xapiri* que vêm chegando. Tem que ter uma casa do tamanho dessa aqui ou maior, maior ainda, mais ou menos 10 metros de altura ou mais. Acho que tem 20 metros de altura a casa dos *xapiri* que vêm depois. É assim que nós aprendemos, que nós conhecemos o nosso mundo, assim que nós conhecemos o conhecimento tradicional. Nós acreditamos assim. Eu acredito, eu vi.

O meu *xapiri* não está aqui não. O meu *xapiri* que vem trazer o meu *xapono*, a casa enorme que está lá na minha terra yanomami junto com o meu povo protegendo meus filhos, protegendo meus parentes, protegendo minhas irmãs, irmãos. Mas outras quatro pessoas estão comigo, como chama? Guarda, guardião para me proteger dos inimigos. Aqui tem muitos inimigos, muitos inimigos querem matar o índio, querem acabar com as lideranças que estão lutando pelos direitos do nosso povo. Direito à terra, direito aos costumes, direito à saúde, direito à nossa *Hutukara*. Então, homem da cidade, ele fica com raiva porque não gosta de nós índios. É por isso que eu tenho quatro; quando eu durmo, ele fica de pé. Eu estou dormindo, e meu guardião está olhando. Quando os inimigos vêm, ele vai me acordar “ó, papai, os inimigos estão vindo, levanta”! Aí, eu levanto. É assim que pajé que aprendeu a força da natureza, a força dos *xapiri*, essa é muito difícil. Não é qualquer yanomami que vê os *xapiri* não, precisa de coragem. Precisa ter coragem de tomar *yãkoana*, de passar fome. Eu chorei de fome porque meu professor, Lourival, ele é muito duro. Muito mesmo, muito duro. Ele fica “olha, você vai sofrer. Não vai comer comida e não vai tomar nem água”. Aí, eu chorei, né? “Ah, eu quero comer...”. E ele fala: “ah, depois você vai comer. Não acabou ainda, não completou um mês ainda para aprender ainda, nós *xapiri* não somos fáceis não. Você está pensando que é fácil, não é fácil”. Aqui é a mesma coisa. Vocês estão estudando, e o seu professor só dá um pouquinho de escrito, e você tem que se virar, quebrar a cabeça.

Então, eu vou assim, diminuir a minha fala sobre os *xapiri*, sobre *Omama*, sobre a *Hutukara*, sobre *Mothokari*, sobre nós. Isso é muito importante não só para mim não, é para nós, povo da terra. Nós somos uma unidade, estamos em uma bola só. Nosso planeta é um. Então, eu, vocês, animal, lua estamos juntos. Então, é por isso que nós

colocamos no papel *Hutukara* Associação Yanomami. É *Pata Omama*, *Xapiri* que nós colocamos, isso é muito importante. Depois, vocês vão ver aqui, eles vão cheirar *yāko-ana*, eles vão dançar. Eu acho que eu vou parar um pouco para vocês perguntarem o que vocês não entenderam porque vocês não conhecem. Se vocês conhecem, vocês entendem. É assim que nosso conhecimento funciona, que nosso mundo funciona, aprendendo. Ninguém nasceu sabendo. Por isso que eu estou explicando, é muito difícil usar os *xapiri* que nós yanomami usamos. Não somos só nós que usamos não, tem outros parentes que também usam. Os Guarani também usam, e é por isso que eles continuam falando a própria língua deles, porque eles têm espírito forte. E também Yekuana também tem a própria língua. E outros parentes Xavantes, Kaiápo. O parente lá do Alto Rio Negro, Tukano, Tariano, esses já acabaram porque os missionários chegaram lá e meteram a enxada, como se capina capim. Cortou e jogou fora. Agora implantaram a religião que vem lá do outro mundo que chama Israel. Esse costume vem de lá de avião, de navio, passou por cima aqui e chegou lá na nossa comunidade do Tikuna. Os Tikuna são sabidos, mas a religião deles o cobra-grande engoliu. Essa religião ficou no lugar, na sabedoria deles. Eles estão tentando recuperar para voltar como era antes, mas é difícil. Então, parente Yekuana Maurício Tomé, eles são parceiros de luta, e estamos aprendendo muito para poder enfrentar o homem da cidade que, como eu falei, chama Golias. Golias é um homem grande e está querendo engolir nós, engolir a riqueza. Então, os *xapiri* vão lutar. Eu vou continuar a lutar, o Maurício, que está ao meu lado, que está segurando a bandeira. Ninguém usa essa bandeira do Brasil não. Nossa bandeira é de uma luta diferente, ninguém mostra, isso é sagrado, é um segredo. Só vai mostrar quando acabar nosso mundo, quando acabar nossa floresta, quando morrer todos os povos indígenas do Brasil. Aí, a gente vai mostrar a nossa guerra. Quem vai guerrear? Eu não vou guerrear. Quem vai guerrear são os *Xapiri Pata yari-yariporari yāpirari titiri maari*. Esses que vão derrubar, matar todos os inimigos. Eu estou falando isso para vocês saberem, e vocês vão falar para os filhos de vocês: “Olha, o Davi falou isso. Ele é liderança tradicional Yanomami, não sabe falar o português correto”. Mas eu estou tentando explicar, essa língua portuguesa não é minha, mas emprestei minha arma. A minha arma, dos *xapiri* mesmo, a arma que nós temos – *Hutukara* Associação Yanomami – é arma do povo Yanomami e Yekuana para defender seus direitos, saúde, costume, tradição. É por isso que a *Hutukara* Associação

Yanomami está junto com o pajé.

Então, eu vou recuar a minha palavra, vou deixar por aqui.

Se eu falar muito o nome dos *xapiri*, eles vão escutar. Se eu falar bastante sobre *Hutukara*, sobre *xapiri*, sobre *Omama* vai chover muito, amanhã, para vocês acreditarem na força da natureza, a força dos *xapiri*, eles que mostram para vocês. Se não mostrar, vocês não vão acreditar. Vão falar: “ah, o Davi está mentindo porque quer apoio para ele. Ele quer conseguir alguma coisa”. Eu estou aqui, eu não quero nenhum presente para mim. Eu não vim para ganhar dinheiro, não quero ganhar dinheiro. Não à custa de vocês, não à custa do meu povo Yanomami, não à custa do povo indígena do Brasil. Agora, para eu levar 50 milhões para minha terra, fazer o que lá? O que eu vou fazer? Eu não sou pobrezinho não. Nós, indígenas, somos ricos de floresta, ricos de água, ricos de chuva, ricos de tudo, disso que a gente se alimenta.

Era isso que eu queria dizer para vocês.